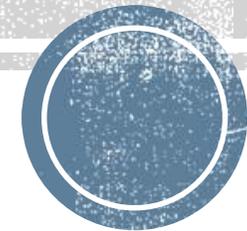
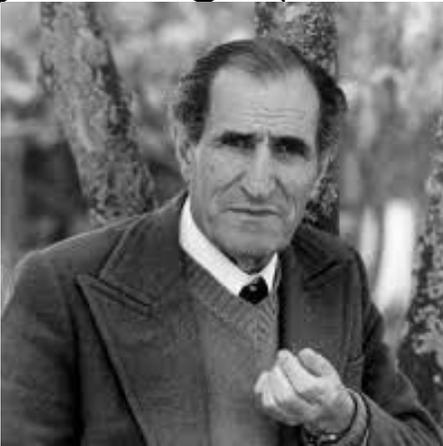




Escola Secundária de Albufeira

O Outro livro de Job

Miguel Torga (1907-1995)

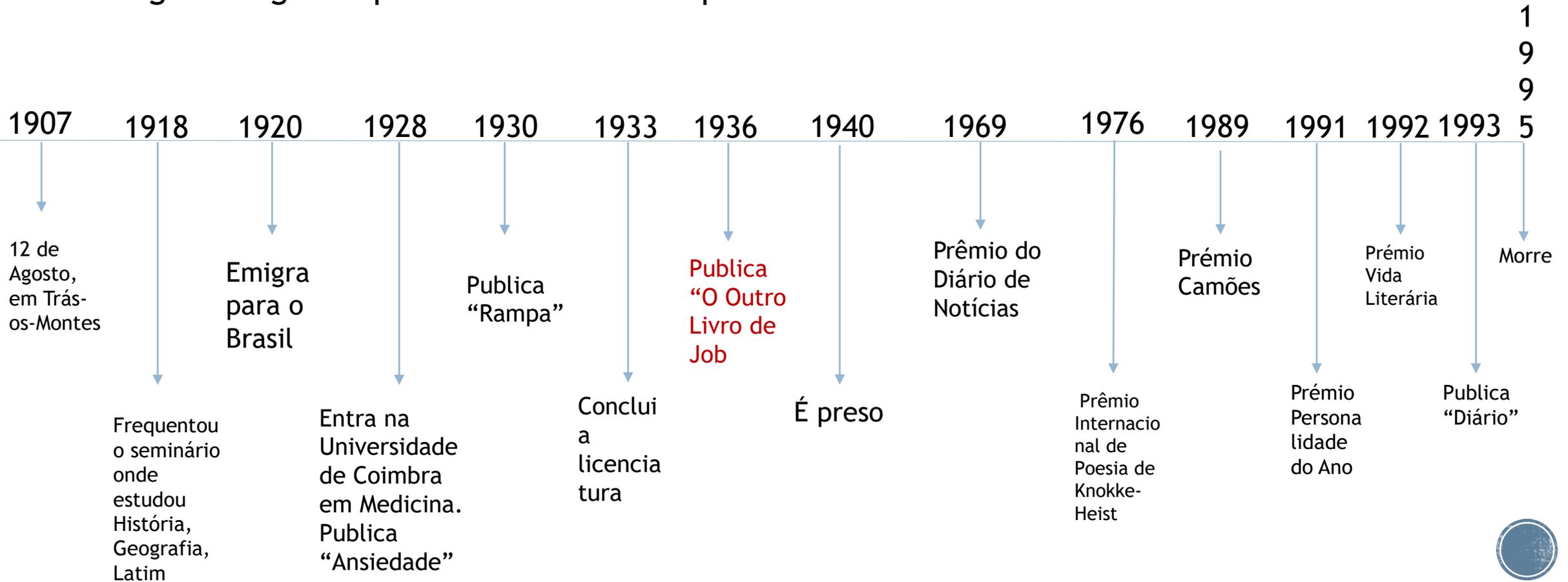


12ºE

Beatriz Ataíde, Inês Neves, André Filipe

Vida e Obra

Miguel Torga é o pseudónimo adotado por Adolfo Correia da Rocha





Miguel Torga



Era pouco sociável e por isso Torga gostava de estar rodeado de livros, era o seu refugio.

Alguns dos livros de Torga estiveram apreendidos, porque antes do 25 de Abril opunha-se á ditadura Salazarista, vigente em Portugal.

A sua poesia reflete as apreensões, esperanças e angústias do seu tempo, encontramos também crítica social, apreciações culturais.

Em 1996 foi fundado o Círculo Cultural Miguel Torga, em sua homenagem.



Telurismo

Segundo Torga o homem deve ser capaz de realizar-se no mundo, assim ele deve ser fiel á Terra.

O seu telurismo exprime-o na sua ligação á terra, na sua fidelidade ao povo e na consciência de ser português.

A terra, e em particular Trás-os-Montes, que o viu nascer, é para ele o local onde encontra a inspiração, a energia que o regenera.



Revolta da inocência humana contra a divindade transcendente

Enquanto médico, Torga sentiu-se muitas vezes impotente por não poder salvar os seus pacientes, que aguardavam com esperança por um milagre.

A descrença e a revolta contra a divindade transcendente surgem na sua obra refletindo essa angústia.

Torga revolta-se contra Deus, mas não assume-se como ateu.

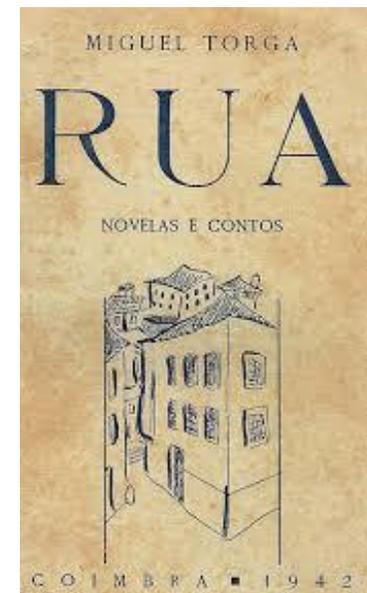
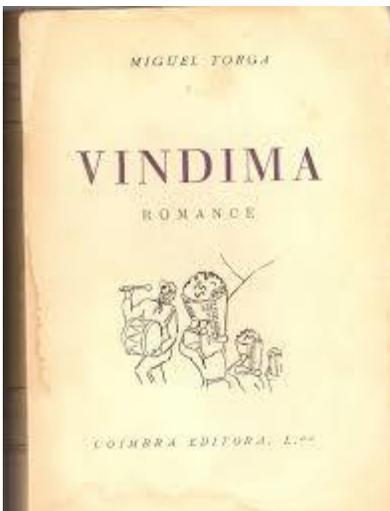
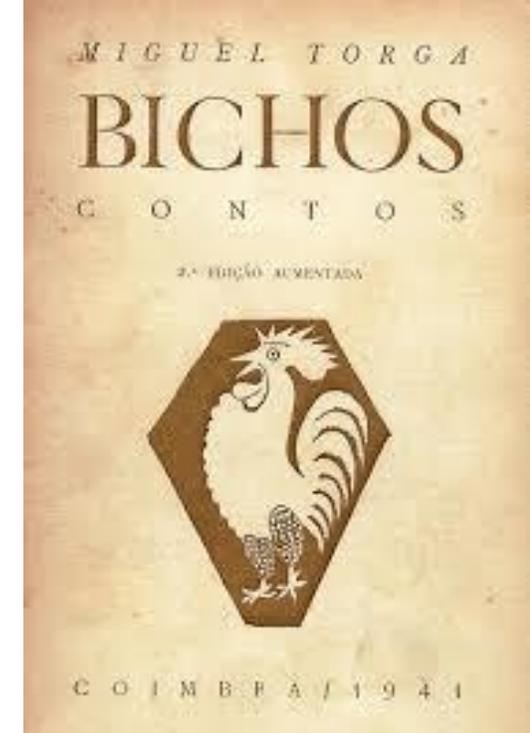
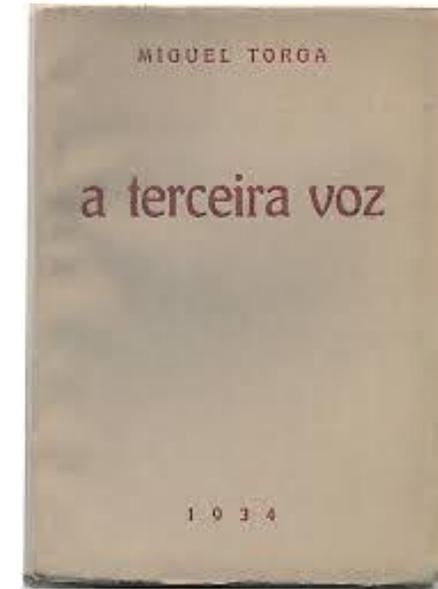
A negação surge porque Deus lhe perturba a razão.

É existencialista por opção, renega Deus, mas este está constantemente a vir ao seu encontro.



Ficção

- 1931 - Pão Ázimo
- 1934 - A Terceira Voz
- 1937 - Os Dois Primeiros Dias
- 1938 - O Terceiro Dia da Criação do Mundial
- 1940 - Bichos
- 1941 - Contos da Montanha .
- 1942 - Rua
- 1943 - O Senhor Ventura
- 1944 - Novos Contos da Montanha
- 1945 - Vindima



Poesia



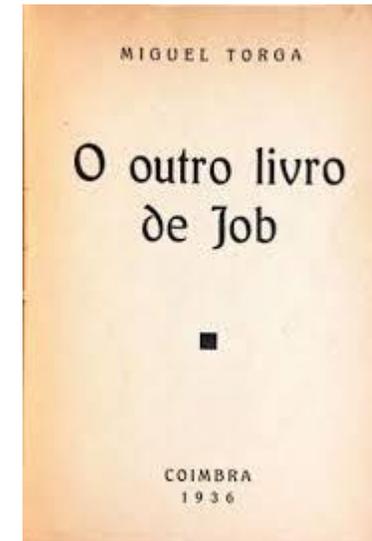
1928 - Ansiedade

1930 - Rampa

1931 - Tributo

1932 - Abismo

1936 - O Outro Livro de Job



1943 - Lamentação

1944 - Libertação

1946 - Odes

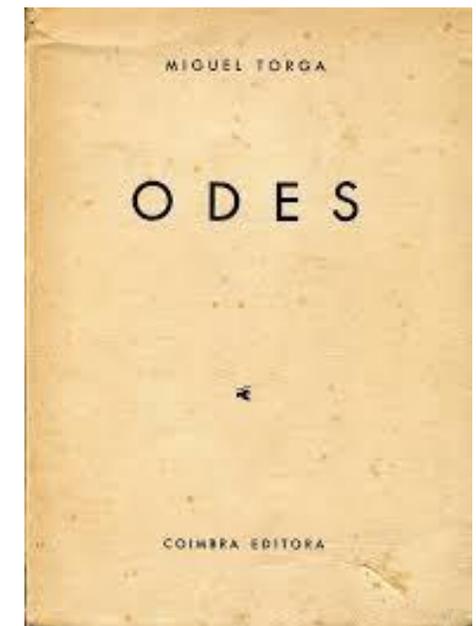
1950 - Cântico do Homem

1954 - Penas do Purgatório

1958 - Orfeu Rebelde

1962 - Câmara Ardente

1965 - Poemas Ibéricos



MIGUEL TORGA

O outro livro de Job



COIMBRA

1936

“O outro livro de job” é uma releitura de “o Livro de Job” bíblico.

Figurações do poeta: o poeta desiludido e inconformado com o mundo que o rodeia.

Arte poética: o ato criativo é um processo doloroso que implica labor, esforço, verificando-se, por vezes, uma tensão entre inspiração e laboração.

Linguagem, estilo e estrutura: tom confessionalista, expressividade das metáforas, irregularidade ao nível da métrica, da versificação e da rima.

O outro livro de Job

A dissociação tradicional entre racionalidade e religiosidade é indelevelmente ultrapassada pelo escritor.



Na obra O Outro Livro de Job, procurar-se-á demonstrar que existe uma grande convivência interior entre a razão e a religiosidade do escritor, o qual, servindo-se de textos bíblicos, nos transmite o seu grande conflito no que toca a esta matéria.



Em toda a sua obra existe uma constante recriação literária que vai ao encontro da sua formação científica, a qual interfere bastante com o seu espírito místico.



Naufrágio

Ando há dois anos para conseguir
aquilo que consegui da outra amada
em duas horas!

A Outra, nem sei porquê,
encheu-me de prazer sem lho pedir...
E tu choras!...

Comparação

16

Ironia

Anáfora

Porque, até hoje, só duas mulheres
entraram na minha vida!

Ah! mas a Outra, mal a desejei,
fez que me desejou,
fez que me fez feliz,
e tanto,
que até a dona da casa
nos invejou...

Mas um dia
a minha voz natural
falou-me doutra maneira...

E eu ouvi-me
a chamar uma donzela
verdadeira
que me tocava por Lei...

Ouvi-me
a gritar que foi por Ela
que vim à terra
e fiquei...

17

Era a Virgem!
A Virgem que te peço desde o dia
que te encontrei!...
Mas tu és tão estranha e metafísica,
que vejo que me enganei...

18

Interpretação do poema “Naufrágio”

- 1º estrofe- Quando o sujeito poético diz “A outra,…” verso 4, este refere-se á Virgem Maria, fala sobre a dificuldade em obter a proximidade com Virgem em contraste com a facilidade da aproximação com a mulher física.
- 2º estrofe- No verso 3, “Ah! mas a Outra, mal a desejei,…” aqui refere-se ao facto da mulher física entregar-se completamente ao poeta , mas “fez que me desejou” (verso 10) não foi uma entrega sincera , foi falso, por isso este procura em Virgem Maria algo verdadeiro, um amor fiel. Nos versos 13 e 14, “que até a dona de casa/ nos invejou…” , provavelmente o poeta e essa “tal” de mulher real, física, encontravam-se na casa de alguém, e a Dona dessa casa invejava-os.
- 3º estrofe- Verifica-mos que o sujeito poético considera que o amor pela mulher física é algo fugaz e intenso. Enquanto que o amor que ele sente pela virgem é algo sincero, puro, versos 18,19 e 20, “E eu ouvi-me / a chamar, uma donzela / verdadeira”. E com esta ele não é enganado, traído, sentindo-se seguro neste amor, versos 23, 24 e 25, “a gritar que foi por Ela/ que vim á terra/ e fiquei”.
- 4º estrofe- O sujeito poético demonstra um sentimento de desilusão, como se acordasse para a vida real, sente-se desiludido com as mulheres físicas encontrando a Virgem Maria, no entanto acaba por se desiludir também com esta por que, Virgem é algo Divino e segundo a minha interpretação o facto de não ser uma mulher no estado físico, este sente falta de estar em contacto com alguém, versos 29 e 30, “Mas tu és tão estranha e metafísica, / que vejo que me enganei…” .



Lápide

Quando eu morrer e tu ficares sòzinha,
longe do bafo quente do meu corpo,
tu, a quem eu amei, sei lá por vingança
de Deus,
nessa hora,
olha serenamente a nossa história inútil
e chora...

Rega de pura mágoa a flor do «nunca mais»
(sequer ao menos a flor do «nunca mais»...),
e depois morde o chão seivado e semeado
do místico perfume do meu sexo
sepultado...



Interpretação do poema “Lápide”

- 1º estrofe- O sujeito poético dirige-se a uma mulher que em certa parte da sua vida amou. Pede à mulher que quando ele morrer e ela ficar sozinha longe dele “Quando eu morrer e tu ficares sozinha, longe do bafo quente do meu corpo”, olhe para a história de amor inútil que os dois partilharam e chore “olha serenamente a nossa história inútil e chora...”. O sujeito poético nos versos 3 e 4 da primeira estrofe “tu, a quem eu amei, sei lá por vingança de Deus” faz uma conexão entre Amor e Deus no sentido em que o amor que deu foi para ele um desgosto e quando diz “sei lá por vingança de Deus” mostra-se crente em Deus e de certa forma a mágoa que este amor lhe trouxe foi pagamento por algum mal por ele cometido.
- 2º estrofe- Quando o sujeito poético no primeiro verso diz “Rega de pura mágoa a flor do «nunca mais»” diz à mulher para chorar pela sua morte, por nunca mais o ver e regar a terra em que está sepultado. No segundo verso diz “(sequer ao menos a flor do «nunca mais»)...” o sujeito poético dá a entender que quer dizer pelo menos chora por nunca mais me veres. No resto do poema “E depois morde o chão seivado e semeado do místico perfume do meu sexo sepultado” significa ela agarrar-se às memórias que tem dele com toda a força.



Noite

Encontraram-no caído
ao fundo daquela rua;
chamaram-no pelo nome, e era eu!
— O Poeta andava à lua
e adormeceu...

Foi o que disse e jurou
pela sua salvação
a Perdida
que viu tudo da janela...
E o guarda soube por Ela,
pelo pranto que chorava,
quem era na minha vida
o Guarda que me guardava...

— Andar à lua é proibido...
Mas Ela pagou a lei
por um beijo que lhe dei
antes ou depois de ter caído,
nem eu sei...



Interpretação do poema “Noite”

- O poeta encontra-se deambulante na rua, caído e desanimado, “ Encontraram-no caído/Ao fundo daquela rua/ chamaram-me pelo nome, e era eu“.
- Ele é a lua por isso é que viu tudo mesmo sendo de noite;
- Acima da lua só mesmo Deus que é o tal “guarda“
- O “pranto que chorava/ Quem era na minha vida/ o Guarda que me guardava“ pressupõe que o poeta sente que Deus o abandonou embora antes o protegesse. É um poema essencialmente existencialista e é associável ao resto do programa de 12ºano.





Concluindo, é interessante ver que o existencialismo, o deambular na cidade são realidades na escrita de muitos escritores da época de Miguel Torga, Bernardo Soares é um exemplo credível.

A presença da religiosidade e a comparação com a atualidade e ruralidade de um Portugal muito diferente do que é hoje, tendo em conta que Miguel Torga também era natural de Trás-os-Montes.

A preservação do livro, que é antigo, e o folhear o mesmo foram sensações também agradáveis e é de facto um bom conjunto de poemas, recomendamos vivamente.



Web grafia

- <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/46009>
- https://www.ebiografia.com/miguel_torga/
- <http://cantodaalma-cantodaalma.blogspot.com/2014/04/miguel-torga-naufragio.html>
- <http://cantodaalma-cantodaalma.blogspot.com/2013/04/lapide-miguel-torga.html>
- <https://www.escritas.org/pt/miguel-torga>

